

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Escola Superior de Educação Física

GABRIEL HEROLD

**O MÉTODO PLAY AND STAY: UMA REVOLUÇÃO NA INICIAÇÃO AO  
ENSINO DO TÊNIS PARA CRIANÇAS**

Porto Alegre

2012/1

GABRIEL HEROLD

**O MÉTODO PLAY AND STAY: UMA REVOLUÇÃO NA INICIAÇÃO AO  
ENSINO DO TÊNIS PARA CRIANÇAS**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Escola Superior de  
Educação Física da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como  
requisito para a obtenção do grau de  
Licenciado em Educação Física

Orientador: Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre

2012/1

GABRIEL HEROLD

**O MÉTODO PLAY AND STAY: UMA REVOLUÇÃO NA INICIAÇÃO AO  
ENSINO DO TÊNIS PARA CRIANÇAS**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Escola Superior de  
Educação Física da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como  
requisito para a obtenção do grau de  
Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr.: .....UFRGS

---

Prof. Dr.: .....UFRGS

Porto Alegre

2012/1

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus colegas que estiveram ao longo destes anos tornando essa passagem pela faculdade muito mais prazerosa, em especial aos parceiros de tênis que iniciaram comigo a prática deste jogo, e além de terem me ajudado a gostar deste lindo esporte representam uma grande amizade fora das quadras. Também gostaria de agradecer ao meu orientador Carlos Adelar Balbinotti, pela oportunidade de trabalharmos juntos na sua disciplina de Tênis fundamentos, ambiente onde desfrutei e aprendi bastante durante um ano. E claro, agradeço especialmente a minha família, que se demonstra sempre pronta e solícita comigo em todos os momentos.

## RESUMO

Preocupada com a forma como a iniciação ao tênis tem sido conduzida principalmente entre as crianças, a ITF lançou em 2007 uma proposta denominada Play and Stay, visando à promoção do jogo pelo mundo como fácil, divertido e saudável. O objetivo principal deste estudo é apresentar e analisar as características deste projeto, centrado na aprendizagem através da compreensão do jogo relacionado às práticas metodológicas da iniciação esportiva em crianças até 10 anos de idade. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica para englobar os principais aspectos relacionados ao Play and Stay. Primeiramente o trabalho procura analisar as características da iniciação esportiva, do desenvolvimento maturacional de crianças e adolescentes assim como alguns processos metodológicos de ensino-aprendizagem. Posteriormente identificamos os principais elementos que constituem a campanha como os jogos adaptados e a preocupação com o frequente abandono de praticantes na iniciação ao tênis. Considerando os primeiros contatos com o esporte um período muito importante para a adaptação do aluno ao jogo, espera-se que este estudo forneça boas informações para professores e treinadores sobre como introduzir crianças e jovens da melhor maneira possível no tênis de campo.

Palavras –Chave: play and stay, tênis para crianças e iniciação esportiva

## **ABSTRACT**

Concerned with how the initiation of tennis has been conducted especially among children, the ITF in 2007 launched a campaign called Play and Stay, aiming to promote the game worldwide as easy, fun and healthy. The main objective of this study is to present and analyze the characteristics of this project, focused on learning through the understanding of the game related to the methodological practices of sports initiation in children until 10 years of age. For this, we carried out a literature review to group the main aspects related to Play and Stay. First the study tries to analyze the characteristics of sports initiation, of maturational development of children and adolescents as well as some methodological processes of teaching and learning. Later we identified the main components of the campaign as games adapted and the concern with the frequent abandonment of practicing in the introduction to tennis. Considering the first contacts with the sport a very important period for the adjustment of learners to the game, it is expected that this study supplies good information for teachers and trainers on how to introduce the tennis in the best possible way to children and youth.

Key-Words: Play and Stay, tennis for kids and sports initiation.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Etapa 3: Quadra e bola Vermelha.....	31
Quadro 2: Etapa 2: Quadra e bola Laranja .....	32
Quadro 3: Etapa 1: Quadra e bola Verde .....	34



## SUMÁRIO

## 1. INTRODUÇÃO

O tênis é um esporte que mesmo para os adultos apresenta uma série de dificuldades de adaptação para os iniciantes: a quadra grande, raquete pesada e bola rápida são alguns dos empecilhos que por vezes desmotivam o início desta prática. Além disto, o tênis exige certa experiência motora básica para ter um mínimo de sucesso na execução dos golpes, e o fato de ser jogado individualmente acentuam estas dificuldades. Neste contexto, a iniciação neste esporte precisa de profissionais capacitados e propostas de ensino que se relacionam bem com cada indivíduo para propiciar uma prática saudável e prazerosa aos iniciantes. Este período, a iniciação esportiva, é extremamente importante para a retenção de novos adeptos ao esporte, e dependendo de como o praticante assimila suas primeiras experiências pode fazer optá-lo por seguir praticando a atividade ou não. Com o tênis de campo não é diferente, especialmente entre as crianças onde as devidas considerações sobre o seu processo de ensino-aprendizagem parecem não ser levados em conta, tornando-os assim mini-adultos em quadra (BALBINOTTI, 2009). O processo de aprendizagem no tênis tem sido historicamente gerenciado de maneira tecnicista, onde a aprendizagem de gestos motores se torna requisito primário para a prática do jogo (BUSRWASH, 1991; LENDL; MENDOZA, 1987). Em decorrência disso o prazer e a diversão pelo jogo acabam ficando por vezes em segundo plano, levando assim uma desmotivação e conseqüente abandono da prática aos primeiros contatos com o esporte. Preocupados com estes dados integrantes da ITF (Internacional Tennis Federation) lançaram em 2007 uma proposta voltada principalmente para crianças, denominada 'Tennis Play and Stay', como o intuito de apresentar o tênis como um jogo fácil e divertido, onde se pode trocar bolas e pontuar desde a primeira aula e assim atrair mais praticantes para o esporte.

Este estudo tem por objetivo geral apresentar esta campanha e analisar as suas implicações práticas principalmente entre as crianças até 10 anos de idade, o público alvo do projeto. Analisar as implicações dos jogos adaptados e do ensino com enfoque no jogo, os relacionando às características da faixa etária em questão

esta entre os objetivos específicos do trabalho, assim como observar como ele pode contribuir para atrair mais adeptos para o esporte. Para isso, na primeira parte do trabalho abordaremos a iniciação esportiva de forma geral, assim como trataremos algumas considerações sobre o desenvolvimento motor e processos metodológicos de ensino- aprendizagem em crianças. Em uma segunda parte analisaremos as condições atuais referentes ao tênis na iniciação, a importância dos jogos adaptados nesta fase de aprendizagem e alguns dos motivos que podem acarretar as desistências dos praticantes pelo jogo. Por fim apresentaremos a campanha Play and Stay e as seus princípios norteadores para a aprendizagem do tênis. Para isso, foi utilizada uma revisão bibliográfica como metodologia deste trabalho, que segundo Santos (2004) é o estudo de experimentos, teses, dissertações, bibliografias, artigos de revistas e outras fontes para dar suporte ao projeto de pesquisa.

A análise e o entendimento destas questões são fundamentais para professores e treinadores elaborarem uma proposta de ensino adequada àqueles indivíduos que gostariam de praticar o tênis. Tornar este esporte tão mágico e tradicional cada vez mais divertido e prazeroso, além de efetivá-lo como uma forma de atividade física contínua na vida dos alunos promovendo os benefícios de uma atividade física para sua saúde, deve ser a meta de qualquer profissional da área.

## 2. REVISÃO TEÓRICA

## *2.1 A iniciação esportiva*

O ponto de partida para o entendimento e o desenvolvimento deste estudo é apropriar-se das características e dos moldes ao qual é introduzido um praticante a uma sistemática de atividades físicas em um determinado esporte. Neste caso específico estamos falando de crianças e adolescentes (de 4 a 13 anos) que buscam a prática aliada a um trabalho com um profissional da área e a denominamos de iniciação esportiva (IE). A iniciação esportiva é o período em que a criança começa a aprender de forma específica e planejada a prática esportiva de um ou vários esportes. A etapa de iniciação nos jogos desportivos coletivos é um período que abrange desde o momento em que as crianças iniciam-se nos esportes até a decisão por praticarem uma modalidade. Santana (2002) a entende como o período em que a criança inicia a prática regular e orientada de uma ou mais modalidades esportivas, e o objetivo imediato é dar continuidade ao seu desenvolvimento de forma integral, não implicando em competições regulares. Greco e Brenda (2007) afirmam que a IE faz parte da formação global do ser humano, desenvolvendo as capacidades cognitivas, aumentando a capacidade psicomotora e manutenção da saúde. Segundo Gaya, Torres e Balbinotti (2002), a iniciação pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento na infância, desde que as características motoras, cognitivas, afetivas e sociais sejam respeitadas em situações pedagogicamente adequadas. Os autores ressaltam, também, a importância de que a iniciação esportiva não vise resultados imediatos, a especialização precoce, a seleção de talentos e tampouco a exclusão. A literatura enfatiza que a criança tem potencial para práticas esportivas, desde que suas características sejam respeitadas e não se exijam resultados além daqueles que ela pode obter, sobretudo na infância onde é a fase que ocorre o desenvolvimento de habilidades motoras que servem de base para uma provável especialização esportiva futura (GALLAHUE, 2005).

A maneira como transcorre o ingresso ao esporte pode ser fundamental para que o praticante incorpore a atividade física como um hábito contínuo na sua vida,

mesmo não se tornando um competidor de rendimento. Como afirmam Paula e Balbinotti (2009) é preciso que o esporte seja uma experiência efetiva de formação atlética e humana. A partir deste contexto algumas considerações sobre o desenvolvimento maturacional e fases de aprendizagem do jovem são de grande relevância na iniciação esportiva com crianças, na sequência do trabalho apresentaremos alguns destes fatores.

### *2.1.1 Considerações sobre o desenvolvimento motor e o processo de aprendizagem em crianças:*

Uma vez que se constata que a inserção de crianças se dá nos mais variados contextos esportivos e que ela ocorre cada vez mais precocemente, torna-se necessário um conhecimento básico da sua progressão motora e uma análise a respeito de questões pedagógicas e desenvolvimentistas. A infância é entendida como um período de grande importância para o desenvolvimento motor, sobretudo porque é nesta fase que ocorrem o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais que servem de base para o desenvolvimento das habilidades motoras especializadas, que o indivíduo utilizará nas suas atividades cotidianas, de lazer ou esportivas (GALLAHUE, 2005).

Estando a criança disposta a ingressar em um determinado esporte é preciso compreender e respeitar algumas características correspondentes a cada fase da sua maturação, a fim de propor um ensino condizente com a sua realidade e sem correr o risco de torná-lo um "mini adulto", e tão pouco menosprezá-lo quanto as suas capacidades. (BALBINOTTI, 2009). . Ao encontro disto, Clark e Metcalfe (2002) apontam que o desenvolvimento das habilidades especializadas é o resultado da interação entre as restrições do indivíduo, do meio e da tarefa, que são específicas para cada indivíduo.

### *2.1.1.1 Desenvolvimento das habilidades motoras da criança em diferentes fases*

Nesta parte mostraremos uma organização simplificada das fases de desenvolvimento de algumas características de cada faixa etária aliada a tipos de atividades adequadas para cada etapa segundo Ishizaki e Castro (2008). É importante ressaltar que as idades indicadas servem como uma referência de acordo com estudos da área, sendo que elas podem sofrer alterações de acordo com a evolução individual da criança.

#### ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO:

##### *Pré- escolar (4 a 6 anos):*

Características: Lateralidade em definição. Concatenação de movimentos  
Atenção dispersa.

Atividades Principais: Jogos lúdicos. Trabalhar com bolas grandes e sem pressão, facilitando as habilidades de recepção. Priorizar o prazer pela atividade.

##### *Escolar (7 a 9 anos):*

Características: Fase ótima para o desenvolvimento da coordenação geral.  
Interesse pela disputa.

Atividades Principais: Priorizar a experiência motora variada (arremessos, saltos etc.). Introduzir primeiras noções dos golpes simplificados.

*Escolar (9 a 11 anos):*

Características: Facilidade na aquisição de padrões motores mais complexos.

Atividades Principais: aprendizagem e vários golpes e fundamentos de diversos esportes.

*Puberdade (12 a 14 anos para meninos e 11 a 13 anos para meninas):*

Características: Grande capacidade de adaptação. Período ótimo para a potencialização da capacidade esportiva.

Atividades Principais: Refinamento a técnica e desenvolvimento das capacidades motoras. Melhora das habilidades táticas e psicológicas. Formação atlética completa.

*Adolescência (15 a 17 anos meninos e 14 a 16 anos meninas):*

Características: Fase dos primeiros resultados esportivos expressivos. Relativa instabilidade emocional e psicológica.

Atividades Principais: Treinamento visando o desempenho, praticamente sem restrições.

*Jovem adulto (A partir de 18 anos para meninos e a partir de 16/17 meninas):*

Características: Maturação física completa. Maturação emocional e psicológica em andamento.

Atividades principais: Busca de alto rendimento esportivo. Estabilização de desempenho físico e psicológico. Busca do seu máximo potencial.



### *2.1.1.2 Metodologias de ensino-aprendizagem na IE*

Quando analisamos um problema e procuramos torná-lo praticável não é somente o conhecimento do mesmo que nos garantirá sucesso em nossas ações. Como complemento com o conhecimento adquirido inicialmente é necessário se fazer pensar as maneiras de coloca-lo em prática. Assim quando falamos das fases motoras da criança relacionada à IE pensamos fazer por bem também expor algumas das tendências que são utilizadas pelos professores como práticas pedagógicas esportivas de ensino no mesmo contexto. A literatura nos sugere diferentes abordagens relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, a seguir, apresentaremos duas delas das mais presentes entre elas e com diretrizes opostas, a clássica e o contexto motivacional para maestria.

#### *2.1.1.2.1 Abordagem Clássica*

Este modelo de aprendizagem é estruturado baseado no desempenho e no desenvolvimento de habilidades técnicas, no aprimoramento dos movimentos e nas questões estratégicas e táticas que caracterizam a modalidade. Referenciadas no enfoque competitivo, essas abordagens buscam desenvolver habilidades técnicas cada vez mais apuradas por meio de treinamentos específicos, com exercícios fundamentados em repetições sistemáticas como o uso de drills e do método de tentativa e erro (BURWASH, 1991; DENIAU, 1997; LENDL;MENDONZA, 1987; MEINECKE; SCHOTH, 1985; STURM, 1982). As atividades são propostas visando a refinamento da técnica para a execução dos elementos motores independentemente dos níveis de habilidades dos alunos. A centralização na figura do professor ou do técnico também é uma característica marcante dessa abordagem. Ele é o mediador das decisões tomadas em relação à aprendizagem e ao treinamento, e

desconsidera, na maioria das vezes, as peculiaridades e necessidades de seus alunos e atletas e os objetivos deles quanto à participação no esporte (GRAÇA, 2004; MESQUITA, 2004; SIEDENTOP, 1994; VALENTINI; TOIGO, 2005). Em uma abordagem clássica de ensino o treinamento é visto como ponto culminante dos conhecimentos adquiridos na aprendizagem, com a meta de implementá-los em competições, visando à preparação de jovens tenistas e o alto rendimento.

### *2.1.1.2 Contexto Motivacional para a Maestria*

O contexto motivacional para a maestria (VALENTINI; RUDISSL; GOODWAY, 1999a, 1999b) se fundamenta na implementação de estratégias que levem a autonomia, criando oportunidades para que a criança envolva-se efetivamente em seu próprio aprendizado. Este contexto foi constituído por meio de estratégias em seis dimensões do ensino, a estrutura TARGET, em que são utilizadas as letras que compõem seu nome como referenciais de denominação de cada dimensão a ser enfocada no desenvolvimento de estratégias para a maestria: Tarefa (task), Autoridade (Authority), Reconhecimento (Recognition), Grupo (Grouping), Avaliação (Evaluation) e Tempo (Time) (VALENTINI; RUDISILL; GOODWAY, 1999a, 1999b).

Na concepção da maestria o professor deve promover tarefa que desafiem os alunos à busca do aprendizado, que os torne ativos e participativo na tomada de decisões, os tornando em muitos momentos tão responsáveis e envolvidos quanto os professores. A dimensão de reconhecimento é implementada por meio da valorização, por parte do professor, das conquistas do aluno. Promover a interação entre os participantes e a cooperação nas atividades de ensino é o enfoque da dimensão Grupo, já a dimensão Avaliação diz respeito a valorização do processo de aprendizagem sem que a preocupação seja com o produto ou o resultado, reconhecendo o esforço como meio de aquisição de novas habilidades e de melhorias no desempenho. O feedback de processo é constantemente utilizado,

oportunizando ao aluno o entendimento dos critérios para o desempenho adequado; e dicas verbais são empregadas para auxiliar a auto avaliação estabelecida no próprio processo de aprendizagem. Na dimensão Tempo o respeito às individualidades, possibilitando à criança aprender em seu ritmo é o fator mais considerável. ) (VALENTINI; RUDISILL; GOODWAY, 1999a, 1999b).

Portanto, compreende-se a estrutura TARGET como um conjunto de estratégias abrangentes que podem ser aplicadas com o objetivo de promover a implementação de um contexto motivacional na iniciação esportiva dos mais variados esportes, incentivando a construção da autonomia na tomada de decisões por parte do aluno e mediando a aprendizagem para um processo intrínseco e independente (VALENTINI; PIFFERO; BERLEZE; SPESSATO, 2009).

## *2.2. O Tênis e a Iniciação Esportiva*

Nesta parte do trabalho as questões e abordagens do trabalho serão direcionadas para o tênis, analisando especificamente como o processo de aprendizagem está relacionado com a iniciação neste esporte e quais são algumas das decorrências disto para os alunos e com a sua relação com o jogo. O processo de ensino-aprendizagem na iniciação ao tênis tem sido ao longo dos anos normalmente orientado sobre um ensino tradicional, através de uma proposta metodológica mecanicista caracterizada pela monotonia de exercícios repetitivos. Este estilo tradicional de ensino tem predominado não só na iniciação de adultos ao esporte como também com crianças e adolescentes, algo que quando vai ao encontro das suas necessidades e capacidades acarretam algumas complicações dentro da sua formação no esporte a curta e longo prazo. Segundo Fuertes (1999) na iniciação esportiva durante a infância, aulas demasiadamente focadas na aquisição técnica dos fundamentos negligenciam outros aspectos relevantes para o desenvolvimento integral da criança: o comportamento motor, a motivação, o condicionamento físico e a capacidade perceptiva. Considerando isso uma concepção pedagógica caracterizada pelo ensino unilateral de orientação, baseada em inúmeras repetições de movimento, pode inibir o aproveitamento de diversas potencialidades da criança, tornando-o assim submisso ao comando do professor. Como afirmam Greco e Brenda (2001) os métodos tradicionais levam a uma aprendizagem restrita, pois os educandos não conseguem incorporar o conhecimento teórico: limitados à apresentação prática do professor, são simples executantes de gestos e técnicas, de forma mecânica e automatizada.

E como podemos observar na literatura (BUSRWASH, 1991; LENDL; MENDOZA, 1987) a aprendizagem do tênis é frequentemente orientada por esses pressupostos, onde é enfatizada a técnica para a aprendizagem de golpes básicos. Muitos modelos de ensino de tênis para crianças seguem os mesmos critérios e a mesma organização do tênis para adultos, embora na maioria das vezes implementada por meio de exercícios educativos adaptados e desenvolvidos conforme as progressões e os graus de dificuldades das tarefas (BUCHER, 1983;

GALLIETTE, 1996; MEINECKE; SCHOTH, 1985). Kirmayr (2004) afirma que a faixa etária ideal para aprender as técnicas corretas dos “golpes” é aos oito anos de idade. A criança deve vivenciar primeiramente o lúdico, sendo necessário também vivenciar outros esportes não especializando precocemente. Tornando possível a coordenação primeiro como um elemento depois com a adição gradativa de tantos outros, respeitando os princípios respectivos da faixa etária. Conforme uma análise mais adequada ao planejamento de uma criança na faixa etária pré-escolar (4 a 6 anos) que é introduzida ao tênis, se faz necessário trabalhar o esporte de uma forma dinâmica e pouco específica quanto suas competências motoras, dando maior ênfase a experimentações, explorações de movimentos e enriquecendo o acervo motor da criança (ISHIZAKI, 2006; p 136). Para Balbinotti (2009) o trabalho de iniciação ao tênis na infância deve enfatizar, primeiramente, a formação de uma base motora rica e variada que contribuirá também para a aprendizagem de outras modalidades esportivas e atividades da vida diária.

Desde muitas décadas se sabe que a criança tem maior facilidade para o aprendizado entre os oito e doze anos de idade, o cérebro humano alcança o seu potencial mais alto de aprendizagem nestas idades e os treinadores de tênis, sabendo disto devem trabalhar conscientemente para conseguir os máximos resultados nesta época (VAN FRAAYENHOVEN, 2001). Harwood (2000) sustenta que praticar é repetir, e as crianças nesta idade aprendem rapidamente mas também podem assimilar facilmente habilidades negativas. Ele afirma que algumas das habilidades que se aprende neste período são: o pensamento positivo, os altos níveis de esforço e rotinas e rituais corretos, como lidar com erros e uma linguagem corporal positiva. A preocupação sobre os aspectos psicológicos durante este período deve ser constantemente alta, pois a concentração das crianças é baixa e nesta idade aprendem a aprimorar qualidades técnicas e mentais mais rapidamente. Não é suficiente dizer as coisas, é necessário fazê-las, caso contrário não acreditarão. Ainda segundo Harwood (2000), alguns aspectos que se deve ter em conta pra trabalhar com crianças no tênis são: -----

a) enfatizar o conceito de olhar para a bola; b) utilizar jogos que atraiam a atenção visual c) estabelecer regras sobre a linguagem corporal d) constantes conversas positivas nos intervalos das aulas e jogo

### *2.2.1 O abandono da prática esportiva na iniciação: considerações sobre o tênis*

Analisando as condições citadas acima sobre os modelos de aprendizagem utilizados na iniciação esportiva ao tênis, outra constatação gera preocupação: o constante abandono de praticantes especialmente na fase de iniciação e a consequente baixa de adeptos do esporte na fase adulta. Uma pesquisa realizada no Brasil pela empresa inglesa Deloitte Touche Tohmatsu em Setembro de 2011 com o intuito de analisar as principais praticas esportivas do país fez a seguinte análise dentre as suas conclusões a respeito do tênis: O tênis possui grande exposição na mídia em horas (2º esporte) mas não é apontado nem entre os cinco mais disseminados. Também baseado em dados desta pesquisa observamos que o tênis, embora considerado um esporte elitizado, apontou uma alta aceitação em todas as classes sociais, sendo que 81% dos respondentes declaram gostar ou gostar muito do esporte. Ou seja, no caso do tênis atrair o aluno iniciante para a prática do jogo não parece ser o maior desafio dos professores, mas sim fixa-lo como praticante regular do esporte.

Anteriormente procuramos descrever que a criança precisa de cuidados característicos quanto um aluno de uma pratica esportiva, e conforme se transcorre o processo educativo algumas implicações podem interferir na motivação e continuidade dela no esporte. Ainda que a maioria dos estudos relacionados ao abandono esportivo esteja direcionado aos praticantes de rendimento, podemos apontar algumas colocações de algumas passagens sobre o tema sem serem diretamente relacionadas à atividades de resultados. Aulas com enfoque principal na técnica e com preocupação demasiada no rendimento são apontadas como um dos principais fatores desestimulantes na participação de jovens crianças na fase de iniciação. Segundo Rose Jr. (2002), aspectos como o despreparo e a falta de conhecimentos na área da pedagogia do esporte por parte de profissionais, técnicos e professores envolvidos com a iniciação esportiva podem contribuir numa fase posterior no processo de evasão do esporte oficial. O autor cita ainda as práticas esportivizadas, a fragmentação de conteúdos, a prática repetitiva de gestos técnicos

e a especialização precoce como alguns problemas na iniciação esportiva relativos à pedagogia do esporte. Garganta (1997) e Nascimento (2005) analisam que a repetição obsessiva dos gestos técnicos seja o principal equívoco no processo de ensino aprendizagem dos jogos desportivos coletivos, fator este que também pode implicar numa evasão precoce da atividade esportiva quando associado à prática competitiva. Beneli e Montagner (2005) citam que o abandono à prática esportiva ocorre por vários fatores, dentre eles a competição, principalmente de maneira exacerbada, em que o ganhar a todo custo se faz presente e o principal foco é a vitória. Para os autores, o processo de evasão do esporte oficial não é devido à competição em si, mas pela forma como ela é proposta, sendo necessário que o esporte oficial tenha em seu conteúdo aspectos educacionais sem perder o seu aspecto competitivo. Assim o tratamento pedagógico nas intervenções dos profissionais ligados ao esporte competitivo se torna um aspecto de relevância na continuidade da prática esportiva.

As razões apuradas em pesquisas mais recentes sobre o 'drop out' (abandono, retirada), ou mesmo em pesquisas gerais sobre crianças e jovens envolvidos no esporte (PLATONOV, 1988, ROBERTSON, 1986, ambos apud MARQUES, 1998), constataram que, entre os vários motivos para o abandono, alguns se destacam (em termos percentuais): treinamentos monótonos e excessivos; stress associado à competição; stress e rigidez nos treinos impostos pelo treinador; conseqüente ausência de divertimento na prática do esporte preferido. Este último item inclusive sendo apontado como fator primordial para o caráter motivacional do aluno na prática esportiva, segundo pesquisas de fatores motivacionais entre crianças o prazer pelo jogo é sempre citado e possui papel importante na decisão do aluno pela continuidade no jogo. O envolvimento de crianças e adolescentes nos esportes observa alguns outros fatores, entre eles: alegria; aperfeiçoar habilidades e aprender novas habilidades; praticar com amigos e fazer novas amizades; adquirir forma física e sentir emoções positivas (SAMULSKI, 2002; GOULD; PETLICHKOFF, 1988). Estudos sobre como os fatores motivacionais levam adolescentes e crianças a se envolverem na prática de esportes podem ser úteis para a elaboração de treinos estratégicos, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem, já que a aprendizagem e a motivação são processos interdependentes no homem. O conhecimento sobre elementos motivadores auxilia

em planejamentos mais direcionados ao interesse do praticante, aumentando a probabilidade de permanência na prática da atividade esportiva (BERLEZE; VIEIRA; KREBS, 2002).



### *2.2.2 Os Jogos Adaptados e o Mini Tênis na Iniciação:*

Tendo em conta que os alunos que iniciam a prática esportiva procuram praticar o jogo formal o mais rápido possível, e que o papel do professor é oportunizar a prática esportiva ensinando as movimentações técnicas e táticas adequadas dentro do contexto de cada indivíduo, é provável que se este processo não for adaptado e adequado a cada situação, resulte em uma evasão de alunos das escolinhas. Procurando equalizar esta problemática didática é que os jogos adaptados se tornam um forte aliado nos primeiros contatos com o esporte principalmente em se tratando de crianças. A utilização dos jogos adaptados quando trabalhados de forma simultânea com os conteúdos ministrados, contribuem para a melhoria da aprendizagem (GUERRA, 1996, GARGANTA et al., 1996; GARGANTA, 2002). O ensino dos fundamentos técnicos e das movimentações tático-ofensivas e defensivas torna-se mais atraentes, bem como a aprendizagem mais dinâmica e os alunos resolvem problemas, encontrando diversas soluções e desenvolvendo seu raciocínio através de estímulos e desafios. Contudo, o jogo deve desenvolver-se num programa integral de educação do indivíduo, devendo ser praticado de uma forma construtiva e não como uma série de atividades sem sentido, tendo como objetivos o desenvolvimento de capacidades físicas, coordenativas e intelectuais. Bem como, deve dar condições de que o aluno possa se apropriar destes em seus momentos de lazer, dando vazão as suas necessidades de movimento e expressão. O professor, independentemente do objetivo, quando planejar o trabalho, deve incluir todos os componentes inerentes à modalidade esportiva que estiver sendo desenvolvida, em consonância com um perfil lúdico (Paoli, 2001). Neste sentido, torna-se necessário selecionar os métodos de ensino que melhor se enquadrem para uma determinada atividade, buscando novos procedimentos pedagógicos, com vistas a facilitar o aprendizado.

No caso do tênis onde as dificuldades para a prática do jogo habitual são consideradas maiores na iniciação, a utilização destes jogos é cada vez mais aceita e recomendada por especialistas. Em meados dos anos 80 surgem às primeiras citações e experiências sobre o mini-tênis na literatura e desde então esta proposta

é cada vez mais usual no esporte, porém ainda não concretizada em todos os âmbitos da iniciação. Como indica Lendl (1987) o tênis é um esporte muito divertido, mas algumas implicações tornam a sua prática na iniciação menos atraente, como a quadra que parece ser grande demais, a rede muito alta, as bolas ligeiras e as raquetes muito pesadas. Sendo assim é provável que se os iniciantes não se deparam com professores capacitados ou tenham pais que os mantenham motivados, é bem possível que abandonem o tênis e rumem para outros esportes. A chave do mini-tênis, assim como em todos os outros jogos adaptados, é a adaptação da modalidade às características de seus praticantes, e não ao contrário. Sendo desta forma, ao produzir modificações nas condições do esporte é possível fazê-lo mais atrativo para os principiantes e aumentando assim a probabilidade de que sigam praticando-o. Todos sabem que umas das causas principais da continuidade em um esporte provêm da possibilidade do aluno em demonstrar certas habilidades na sua execução e que incrementa sua autoestima. Para Mourey (1986) o problema não está em o tênis ser tanto exigente tecnicamente, mas sim que as metodologias de iniciação são demasiadamente tradicionais. O mini-tênis tenta romper com esta dinâmica de forma que pode facilitar a evolução da psicomotricidade geral da criança. Abaixo listamos algumas considerações sobre esta dinâmica:

# "... Traz a possibilidade de fazer o tênis um esporte mais fácil e divertido" (CRESPO; ANDRADE; ARRANZ, 1993).

# Ele tem se convertido como o encarregado na promoção do tênis em diversos países devido a sua fácil aplicação aos mais diversos contextos econômicos e culturais. (ITF, 1991).

# Pode ser um instrumento útil na busca de talentos em idades precoces. (CRESPO, 1996).

# É um excelente meio para introduzir os alunos na aprendizagem de padrões motores básicos: lançar, rebater, arremessar, etc. O jogador aprende as habilidades fundamentais que podem vir a ser muito uteis em outras modalidades esportivas (LENDL, 1987).

# Pode ser adequado para jogadores de nível intermediário que necessitam aperfeiçoar ou aprender certos golpes e que, para isso necessitam adaptar as condições de jogo (USTA, 1988).

# O mini-tênis é uma modalidade que pode ser praticada em todas as idades. Sem dúvidas é mais indicada para as crianças, porém os adultos iniciantes também podem aproveitar-se de inúmeras vantagens (CRESPO, 1996).

Hustlar (1989) resume os objetivos gerais do mini-tênis nas seguintes seções:

1. Fazer do tênis algo que seja gratificante e divertido
2. Promover a participação e prática esportiva do esporte
3. Aprender as habilidades básicas do tênis
4. Aprender jogos baseados em outros esportes para melhorar suas habilidades gerais
5. Buscar que os jogadores que iniciam no tênis sigam jogando durante toda sua vida

### 2.3. O método *Play and Stay*

Preocupada com a forma como a iniciação ao tênis tem sido conduzida e com o alto índice de abandono na mesma fase a ITF (Internacional Tennis Federation) criou em 2002 o Grupo de Trabalho de Introdução ao Tênis da ITF. Este grupo, presidido pelo diretor executivo de desenvolvimento da ITF, Dave Miley, é formado por especialistas em tênis de algumas das federações e organizações mais importantes do mundo do esporte. O grupo identificou que ainda que o tênis atraia muita gente não tem sucesso em retê-las, verificando assim a importância de adaptar o tênis as necessidades de seus praticantes, especialmente dos iniciantes e de fixar um plano conjunto sobre o tênis para a iniciação. Sendo assim, em Junho de 2007 a ITF lançou um projeto mundial destinado a melhorar a participação do tênis em todo o mundo: o “Play and Stay”. Baseado no lema “Sacar, trocar bolas e jogar pontos”, a campanha visa também proporcionar o tênis como um esporte fácil, divertido e bom para a saúde (MILEY, 2007). O fundamental é conseguir que os jogadores possam sacar, trocar bolas e jogar pontos desde a primeira aula e, sendo assim melhorar a experiência dos principiantes. A utilização de bolas mais lentas e quadras menores por parte dos treinadores e professores que trabalham com iniciação é fundamental no projeto, pois ajuda muito para que esta primeira experiência seja positiva e que realmente o aluno possa jogar o tênis(MILEY, 2007). Abaixo listamos alguns slogans que evidenciam as principais idealizações da campanha “Play and Stay”, segundo a ITF:

- O Tênis pode ser fácil e divertido... Se os treinadores que trabalham com iniciantes utilizarem as bolas mais lentas vermelhas, laranjas ou verdes.
- Os iniciantes devem sacar, trocar bolas e jogar pontos desde a primeira aula
- As competições de tênis podem ser divertidas e existem vários formatos e sistemas de pontuação para elas.
- O tênis é bom para a saúde

- O Tênis é um esporte para todos e por tanto cada jogador deve ter uma classificação facilitando deste modo o seu encontro com pessoas de níveis similares.

Podemos observar que boa parte do projeto está centrada na utilização de bolas mais lentas. A ITF coloca que as bolas mais lentas proporcionam a seus jogadores mais tempo e controle facilitando os golpes e trocas de bolas, assim como o desenvolvimento de táticas e técnicas avançadas. A zona ideal para golpear a maioria dos golpes de fundo de quadra se encontra entre a cintura e o ombro e as bolas mais lentas asseguram que a bola se colocara nesta zona para as crianças pequenas, enquanto que as bolas amarelas frequentemente se colocam sobre as suas cabeças.

Newman (2010) lista algumas consequências decorrentes de rebatidas acima da altura da cabeça em iniciantes:

1. Jogadas finalizadas muito cedo por erros dentro da quadra, com pouco controle (os jogadores geralmente se utilizam desta tática devido a dificuldade para controlar a bola e a impossibilidade de recuperar uma boa posição na quadra).
2. Constantes jogadas atrás da linha de base causadas pelos jogadores esperarem a bola cair, devolvendo assim sempre cada vez mais alta sobre a rede os empurrando cada vez mais para o fundo da quadra.
3. Utilização de empunhaduras cada vez mais extrema, incrementando o risco de lesões e colocando uma carga excessiva no braço (KIBLER, 2002), assim como limitando a habilidade de controlar a direção de tiros ofensivos.

A ITF lançou três tipos de bolas mais lentas, vermelhas, laranjas e verdes. Cada cor representa uma de aprendizagem (ver quadro 1, 2 e 3). As bolas mais lentas não tem pressão e tem menor massa, o que produz uma redução na sua

velocidade. As bolas vermelhas são também maiores que as bolas oficiais, portanto se movem mais lentamente no ar. Esta velocidade reduzida proporciona as crianças que têm ou estão desenvolvendo habilidades sensoriais motoras básicas, maior tempo e controle para movimentar-se, posicionar-se e bater na bola com êxito (NEWMAN, 2010).

Newman (2010) coloca que muitos pais e professores asseguram que as crianças podem jogar com bolas amarelas (oficiais) na quadra grande, no entanto a parte tática ficaria limitada a bolas altas e defensivas e praticamente não existiriam aproximações e jogo de rede. A variedade e intensidade de jogo que podem alcançar as crianças com o uso de bolas mais lentas e quadras menores é de um nível consideravelmente maior ao nível que eles adquiriam com quadras grandes e bolas mais rápidas. O tênis deve adaptar-se ao tamanho e nível motor dos seus jogadores e não deve ser considerado, no caso de crianças menores de 10 anos como um equipamento para iniciantes ou jogadores menos habilidosos, mas com base no tamanho do aparelho, sendo assim as raquetes menores também são indispensáveis para os jogadores menores (CRESPO; REID, 2009).

### *2.3.1. Saque, troque bolas e pontue: um enfoque baseado no jogo*

Como abordado anteriormente o Play and Stay pretende promover o ensino do tênis baseado essencialmente pelo seu jogo, proporcionando aos alunos trocar bolas desde a primeira aula. A ITF delimita este como o maior desafio para os professores no ensino, transformar o jogo como um aliado para a aprendizagem, e não a aprendizagem como um suporte para o jogo, algo que observamos claramente em um dos slogans da campanha: "o tênis é um jogo para se aprender". Todo o adulto que começa a praticar tênis tem expectativas de jogar imediatamente uma partida em uma quadra regulamentada com bolas oficiais e raquetes de adultos, entretanto quando ele se vê nesta situação se da conta que o esporte é difícil e que

não ode jogar uma partida “normal” nos primeiros dias de aula, o tênis e o professor dizem isso ao jogador (TURNER, 2001). Os novos enfoques metodológicos tentam afrontar este problema.

A partir do final dos anos 80 podemos observar uma evolução na metodologia de ensino do tênis. As novas iniciativas partem tanto do campo universitário (THORPE, 1983); como do aplicado (BRECHBUHL, 1986; DUGAL, 1991; FFT, 2000). O novo enfoque de ensino do tênis está centrado no uso de estilos de descobrimento guiado e resoluções de tarefas aos alunos atribuídas pelo professor. Os alunos passam a pensar mais por si mesmo, provando, descobrindo, e definitivamente aprendendo (MIRANDA, 2001). O método baseado na compreensão do jogo, surgido na Universidade de Loughborough (Grã-Bretanha) durante os anos 80 (THORPE, BUNKER, ALMOND, 1986) e posteriormente estendido a toda Europa, Austrália e Estados Unidos (RINK, FRENCH e WERNER, 1991; WERNER, 1989) se centra na ideia de que o jogador deve compreender o que necessita para praticar o jogo. Bunker e Thorpe (1992) descrevem o método como o ensinamento do por que jogar vindo antes do como jogar. Estes autores sugerem que a compreensão e o conhecimento dos fundamentos do jogo assim como desenvolvimento das táticas básicas devem anteceder o domínio das habilidades técnicas em todos os esportes. Um enfoque baseado no jogo significa que as táticas usadas para ganhar devem estar direcionadas ao desenvolvimento das técnicas aprendidas. Os jogadores que assim aprendem se desenvolvem mais rapidamente aos que usam métodos tradicionais, já que esta maneira de aprender é fundamentalmente diferente da tradicional, onde o tênis é visto como esporte técnico que frequentemente usa um modelo de golpe e aprendizagem igual para todos (VEREIJKEN; WHITING, 1990).

As estratégias para ensinar baseadas na compreensão do jogo podem ser bem variadas: proporcionar exemplos de situações de jogo como serviço, jogo de fundo, jogo de rede e jogo contra um jogador na rede, utilizar-se dos jogos simplificados (mini-tênis), modificar suas condições (altura da rede, bola, dimensões da quadra), centrar em padrões de certa complexidade tática, permitir aos jogadores a se acostumarem tomar mais e melhores decisões durante o jogo (THORPE; BUNKER, 1997). As vantagens deste enfoque, segundo os autores é o desenvolvimento de um interesse e diversão maior no aluno, já que o objetivo da aula não é realizar golpes isoladamente, e sim de jogar um jogo ou uma partida

(THORPE; DENT, 1999). Existem muitos jogadores que sabem golpear bem a bola, mas não conseguem jogar o tênis (PANKHURST, 1999), algo que evidencia que o conhecimento e a habilidade, por si sós, não garantem a compreensão do que se estão fazendo, e isso não é bom pra eles já que é difícil que exista diversão quando não se inclui o jogo. Uma sequencia de investigações realizadas pela ITF no fim dos anos 90 (1997-1998), onde se estudava a imagem e as atitudes de quem joga o tênis, uma das conclusões foi que em muitos países desenvolvidos o tênis não é considerado um esporte divertido de se praticar. Este fato levou os responsáveis pela educação da ITF a buscar novas metodologias que ajudassem a solucionar este problema. Com uma perspectiva em longo prazo o jogador que se deseja é aquele capaz de utilizar seus conhecimentos e habilidades ativamente em competições, e o problema do conhecimento automatizado e as habilidades adquiridas por rotina não permitem a estes jogadores nem converter-se em melhores tenistas e tão pouco conseguir maior satisfação jogando tênis, por que não compreendem o que estão fazendo ou quando usar (VEREIJKEN; WHITING, 1990).



### 2.3.2 A proposta prática do método Play and Stay:

Como foram mencionadas anteriormente as bolas lentas, quadras reduzidas e raquetes menores compõem a base forte para a proposta prática do Play and Stay. Especialistas da ITF se mostram convencidos que o uso destas ferramentas juntamente com outras adaptações, é a chave para o desenvolvimento correto de jovens talentos. Baseada nesta e em outras conclusões dos seus estudos, a ITF lançou recomendações para iniciantes até dez anos de idade, as dividindo em três estágios. Abaixo segue um resumo de suas recomendações:

**Quadro1:** Etapa 3 Vermelha

<b>Etapa 3 - Bola Vermelha e Quadra Vermelha</b>			
	<b>Bolas Vermelhas</b> são de esponja ou feltro. Elas são maiores e mais lentas que uma bola normal.		<b>Quadras vermelhas</b> têm 11m de comprimento e 5-6m de largura. A altura da rede deve ser de aproximadamente 80cm. Redes portáteis ou fitas podem ser usadas.
	Recomendada para crianças de <b>idades</b> entre 4 e 8 anos, além de adultos iniciantes.		<b>Tamanhos de raquetes</b> entre 41cm e 58cm, dependendo do tamanho e da força do jogador.

(Fonte: [www.tennisplayandstay.com](http://www.tennisplayandstay.com))

Etapa do descobrimento para crianças de 6 a 7 anos. Depois de cumprir a etapa inicial de aprendizagem básica permanecendo tempo suficiente nesta quadra, às crianças com mais habilidade chegam a jogar na quadra inteira. Nesta situação, podem mudar a direção e altura da bola, subir a rede e manter a estabilidade enquanto correm e golpeiam. As raquetes menores (58 cm) permitem um contato

consistente com a bolinha vermelha. Taticamente os jogadores tendem a enfrentar situações onde devem controlar a quadra e a bola, atacar ou defender rapidamente, ler sinais de seus rivais e reagir de forma adequada. Também evoluem as qualidades físicas como agilidade, mudanças de direção, posicionamentos sobre a quadra e o ritmo de jogo.

A largura da quadra vermelha é de 66% da quadra original, e as crianças de 5 a 8 anos de idade tem uma equivalente a de 64-75% do adulto, demonstrando que porcentagem do tamanho da quadra é bem apropriado para a idade. O comprimento da quadra vermelha é de 46.3% da tradicional, levando em conta que as crianças desta idade possuem uma percepção limitada da profundidade, levando em conta sua visão ainda está em fase de desenvolvimento (HAYWOOD, 2005), isto é, uma menor inclinação faz com que seja mais fácil avaliar a bola e posição em torno da mesma, mesmo se o avaliada mais tarde.

**Quadro 2:** Etapa 2 Laranja

<b>Etapa 2 - Bola Laranja e Quadra Laranja</b>				
	<b>Bolas laranja</b> são de baixa compressão, cerca de 50% mais lentas que uma bola normal		<b>Quadras laranja</b> têm 18m de comprimento e entre 6,5m e 8,23m de largura. Altura da rede: 80-91 cm.	
	Recomendada para crianças com <b>idades</b> de 7 anos para mais, além de adultos iniciantes		<b>Tamanhos de raquetes</b> variam entre 58cm e 63cm, dependendo do tamanho e da força do jogador	


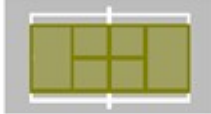



(Fonte: [www.tennisplayandstay.com](http://www.tennisplayandstay.com))

Durante esta etapa os melhores jogadores conseguem adquirir um repertório técnico completo. O comprimento da quadra força o jogador a melhorar a direção e utilizar golpes, com o efeito “topspin”. Também os permite subir a rede e melhorar assim seu jogo de rede, com isso jogar no contra-ataque implicará em algo mais que simplesmente jogar balões defensivos – será aprendido às passadas com ângulos curtos e golpes de fundo da quadra mais agressivos. Devido a largura da quadra os jogadores devem jogar com efeitos para realizar golpes angulados e ter mais pressão ao atacar e volear. Quando estão defendendo ou estão fora da quadra, os jogadores devem cobrir algum espaço, mas não se sentirão completamente desequilibrados. Devido à altura da rede (80cm) e ao uso completo da área de saque, o ataque com o seu serviço fica facilitado, inclusive para as crianças. As rebatidas mais baixas e as raquetes menores impedem o uso de empunhaduras muito extremas em golpes de fundo. O golpe de esquerda com uma das mãos de fundo de quadra também se torna facilitado. Em geral, foi observado que os jogadores com talento demonstram as mesmas adaptações técnico-táticas que os profissionais sobre uma quadra de tamanho normal.

A largura da quadra laranja é de 78.9% e seu comprimento de 75.7% de uma quadra oficial. A quadra laranja será normalmente utilizada pelos jogadores de 8 a 9 anos de idade, cuja altura em média corresponde a de 75-78.3% a de um adulto. Estas porcentagens mostram que a quadra laranja está em quase perfeita escala com o tamanho dos seus jogadores e deve criar conseqüentemente padrões de trabalho de pés idênticos e possibilidades estáticas semelhantes aos adultos em quadras tradicionais.

Em resumo as quadras menores reduzem em uma escala representativa o jogo que joga os adultos em uma quadra tradicional. A única exceção é o comprimento da quadra vermelha que é menor para ajudar as crianças menores que tem uma limitação na percepção da profundidade (HAYWOOD; GETCHELL, 2005).

Quadro3: Etapa 1 Verde

<b>Etapa 1 - Bola Verde e Quadra Verde</b>				
	<b>Bolas Verdes</b> são de baixa compressão, cerca de 25% mais lentas que uma bola normal		<b>Quadras verdes</b> são do mesmo tamanho de uma quadra inteira	
	Recomendada para crianças com <b>idades</b> de 9 anos ou mais, além de adultos iniciantes		<b>Tamanhos de raquete</b> variam entre 63cm e 68cm, dependendo do tamanho e da força do jogador	

(Fonte: [www.tennisplayandstay.com](http://www.tennisplayandstay.com))

Até os jogadores mais habilidosos sofrem quando jogam sobre uma quadra normal. Jogar dentro da quadra, subir a rede, utilizar o saque como arma, tudo isso se torna muito mais difícil. As dimensões da quadra e a altura da rede não favorecem o 'tênis completo'. Os treinadores devem enfatizar a colocação correta na quadra (perto da linha de fundo), o ponto de contato correto com a bolinha (entre o quadril e os ombros evitando empunhaduras extremas), e a transferência de peso suficiente durante os golpes (prevenindo trajetórias altas e sem controle). No entanto, estas dificuldades podem ser removidas com a utilização das bolas de transição. Para conservar nível técnico-tático do jogo a utilização das raquetes de 65 cm também é um ponto importante.

O jogo de duplas nesta etapa é jogado na mesma dimensão dos jogos de simples, estimulando assim uma participação mais ativa dos jogadores de rede e os ajudando a cobrir mais facilmente a rede, outro dos fatores que os ajudam a adquirir uma ampla variedade de golpes táticos. Esta medida compensa a dificuldade de dominar a rede nos jogos de simples nesta etapa, para tanto nestas idades se recomenda que sejam organizadas competições por equipes, incluindo os jogos de duplas.

### *2.3.3 O papel da técnica no Play and Stay e suas implicações metodológicas de ensino:*

Com um enfoque metodológico de ensino baseado no jogo desde a primeira aula o projeto Play and Stay pode gerar uma dúvida entre os professores da área a respeito de como fornecer a aprendizagem técnica. Os idealizadores do projeto abordam este tema desde as primeiras publicações da campanha e trazem alguns aspectos e apontam alguns aspectos importantes sobre o tema, esclarecendo possíveis questionamentos a respeito.

Os treinadores podem apresentar e demonstrar a seus alunos alguns exemplos de golpes mediante demonstrações na quadra, vídeos, observações de jogadores em partidas, etc. No entanto não deve esquecer que os modelos apresentados são exemplos de golpes em situações específicas, com estilos determinados e que não é necessariamente o que se idealiza para principiantes. Na realidade cada situação de jogo requer diferentes golpes e movimentos, para isso quando o treinador tem que ajudar seu atleta a aprender o tênis, precisa estar concentrado nas intenções táticas e em fundamentos biomecânicos para conceber a técnica como um meio de executar a tática com mais eficácia (CRESPO; REID, 2002). A compreensão por parte dos jogadores é fundamental, e para que isso ocorra, o processo de correção tem de ser efetivado desde o início do treinamento para buscar uma evolução em todo o processo. Existem oportunidades variadas para que ocorra esse processo de informações, podendo vir dos professores, de colegas ou mesmo do próprio jogador. É importante que o treinador elabore critérios de avaliação e que proponha a seus alunos elaborara algumas metas individuais. A evolução contínua pode ter muitos refinamentos, mas o enfoque baseado na compreensão de jogo tem que buscar a importância da reflexão por parte de todos os envolvidos, participando ativamente das decisões e ações realizadas durante determinadas situações (CRESPO; REID, 2002).

A maior preocupação frente aos idealizadores do projeto Play and Stay é fazer os professores e técnicos compreenderem que a utilização da técnica segue tendo sua importância. Como destaca Miley (2007) quando os jogadores utilizam bolas mais lentas em suas aulas recebem mais facilmente instruções técnicas e táticas pertinentes para ajudá-los a sacar e trocar bolas e jogar de forma mais eficaz.

#### *2.3.4 TENNIS 10s: O play and Stay no seu formato competitivo*

O projeto Play and Stay contempla como mencionado anteriormente, uma metodologia baseada no jogar para aprender. Para ampliar esta perspectiva os idealizadores do projeto lançaram meses depois da divulgação da campanha um formato competitivo do Play and Stay para seu público alvo, crianças até 10 anos de idade. Este projeto paralelo em forma de jogos e com regulamento próprio para cada etapa recebeu o nome de 'Tennis 10s'. A ITF afirma que o Tennis 10s serve para da um guia formal sobre o uso das diferentes etapas de aprendizagem, vermelha, laranja e verde, e servir como modelo para todas as competições com jogadores até dez anos de idade. Na Assembleia geral anual da ITF, em 2010 foi votada e aprovada o uso destas regulamentações em todas as competições oficiais envolvendo esta faixa etária, sendo que as confederações teriam até 2012 para adaptar-se a estes moldes. A seguir apresentaremos estas três etapas de competições, especificando a idade, contagem de pontos e formatos de disputa em cada fase, conforme as informações do site oficial da campanha:

#### **Tênis Vermelho**

Idade:

Primeiramente para as crianças até 8 anos de idade.

Pontuações:

Tie-break até 7 ou 10, os jogadores com maior experiência podem progredir para jogos com melhor de 3. Os jogos com tempo limitado por 15 minutos também são convenientes e fáceis de serem organizados.

Formato das Competições:

As crianças devem começar a competir em equipes com muitas partidas curtas para cada jogador. As duplas podem ser introduzidas depois dos sete anos de idade. Eventos devem durar de 1-3 horas.

## **Tênis Laranja**

Idade:

O ideal é que os jogadores com experiência no nível vermelho passem para este nível, e o ideal é que permaneçam nele até completarem 8 ou 9 anos. Algumas crianças que iniciam posteriormente podem permanecer mais tempo até os 10 ou 11 anos de idade.

Pontuações:

Como as crianças são maiores e estão mais acostumadas a jogar competições, a duração é um pouco maior, ainda no formato de tie-break mas jogado em uma melhor de 3, ou em um set curto até 4 games.

Formato das Competições:

As crianças continuam participando de competições por equipes, com partidas curtas e individuais introduzindo as duplas em partidas curtas. Os jogadores que adquirirem maior confiança podem agora iniciar suas participações em competições individuais. Eventos devem variar de 2-4 horas.

### **Tênis Verde**

Idade:

Jogadores de 9 a 10 anos. Como em outras etapas, pode haver jogadores com maior idade jogando com as bolas verdes pois a progressão depende do nível de habilidade e progressão individual de cada criança, variando geralmente com o tempo em que iniciaram a jogar.

Pontuações:

Nesta fase se utiliza um set curto até 4 games ou mesmo o melhor de 3 sets curtos. É aceitável usar formatos de pontuação mais curtos com jogadores menos experientes priorizando eventos mais curtos.

Formato das Competições:

As crianças podem desfrutar de formatos por equipes e duplas, mas os jogadores devem jogar mais eventos individuais que anteriormente. Os eventos podem durar entre 3 horas e dois dias.



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudar o rumo do formato de ensino no tênis de campo, especialmente em se tratando de crianças é uma preocupação constante entre diversos autores e especialistas da área, e o Play and Stay tem motivado muita gente neste sentido para alterar este quadro. O ensino baseado pela compreensão do jogo e os jogos adaptados não são uma invenção do projeto, mas a união e oficialização destes fatores como modelo de ensino pode ser encarada como uma proposta inovadora. Ter a consciência de que o tênis não é um esporte de difícil adaptação para iniciantes e que é preciso utilizar-se de recursos e matérias para melhor aproveitá-lo, é fundamental para obter êxito nesta fase. Os alunos iniciante precisam encontrar uma identificação e manter-se mais motivados que alunos já adaptados e praticantes do jogo, portanto priorizar o prazer pelo jogar desde o começo parece ser o grande trunfo do projeto.

Todos os professores de iniciação infantil de qualquer prática esportiva estão acostumados a ouvir sempre aquela famosa pergunta durante a aula conforme ela vai se prolongando: Professor, vai ter jogo hoje? O jogar para aprender não só consegue otimizar o prazer e bem-estar do aluno pelo esporte como também facilita trabalhar o ensino dos fundamentos técnicos por da mais incentivo e motivação aos alunos nas aulas. Conforme as metodologias de ensino analisadas, respeitar as individualidades e dar mais espaço ao aluno em aula, atribuindo tarefas e o mantendo constantemente integrado ao programa de aula demonstram ser mais vantajoso para sua integração e motivação com o esporte, e isto vai ao encontro do que pretende a campanha, com fins de tornar o jogo mais divertido e fácil. Toda a conciliação destes fatores parece ser sem duvidas uma ótima receita para diminuir consideravelmente o abandono de iniciantes das aulas de tênis e conseqüentemente aumentar o numero de adeptos ao esporte.

A utilização deste do método Play and Stay na Europa, Estados Unidos, e alguns países sul-americanos já está mais consistente e vêm apresentando ótimos resultados na melhora do jogo de praticantes de todas as idades. Espera-se que aqui no Brasil não seja diferente, e que os profissionais da área estejam atentos a

estas recomendações para facilitar ainda mais a introdução neste esporte, especialmente entre as crianças.

## REFERÊNCIAS

BALBINOTTI, Carlos. A iniciação ao tênis, Tênis Show. Disponível em:<[http://tenisshow.clicrbs.com.br/colunistas\\_det.php?colunista=32](http://tenisshow.clicrbs.com.br/colunistas_det.php?colunista=32)> Acesso em Abril de 2012.

BENELI, L.M; MONTAGNER, P.C. Intervenções pedagógicas no processo de evasão do basquetebol: possibilidades e consequências. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, 2005. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd86/evasao.htm>> Acesso em: Abril de 2012.

BERLEZE, A.; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças para a prática de atividades motoras na escola. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.13, n.1, p. 99-107, 2002.

BRECHBÜHL J. . **La maîtrise du tennis**. Payot. Laussann, 1986

BUCHER, W.. **Tennis in der Schule**. Zürich: Schweiz Tennisverband, 1983

BURWASH, P. **Total tennis**: a complete guide for today players. New York: Collier Books, 1991.

CASTRO, Mara S.A.; ISHIZAKI, M.T. **Tênis**: Aprendizagem e treinamento. 2ª edição. São Paulo: Ed Phorte, 2008.

CLARK, J. E.; METCALFE, J. S. The mountain of motor Development. **Motor Development: Research and Reviews**, Reston, v. 2. P. 163-190, 2002.

CRESPO, M.; ANDRADE, J.; ARRANZ. J.A. La técnica del tenis. **En Tennis**, vol. I. Madrid, Comité Olímpico Español, 1993.

CRESPO, M.; REID, M.. Coaching Beginner and Intermediate Tennis Players, **ITF**. London, 2009

CRESPO, M.; AND REID M.. Modern tactics: an introduction. **ITF Coaching and Sport Science Review**. 27,2, 2002.

DENIAU, G. **Tenis**: Técnica, Tática y Entrenamiento. Barcelona: Paidotribo, 1997.

DELOITTE, T.. Muito Além do futebol. Setembro, 2011. Disponível em <[http://www.deloitte.com/view/pt\\_BR/br/Conteudos/estudosepesquisas/b4f3efd048eff210VgnVCM3000001c56f00aRCRD.htm](http://www.deloitte.com/view/pt_BR/br/Conteudos/estudosepesquisas/b4f3efd048eff210VgnVCM3000001c56f00aRCRD.htm)> Acesso em Abril de 2012.

DUGAL, J. (1991). Análisis y tratamiento didáctico de las Actividades FísicoDeportivas: el ejemplo del tenis. **Revista de Educación Física**, 2001.

FFT. El niño es lo primero, el alumno viene después. **ITF Coaching and Sports Science Review**, 22, 8-9, 2000.

FUERTES, N. G. Fundamentos Científicos del Entrenamiento Deportivo. In: FUNTES, J. P. et al. **Enseñanza y Entrenamiento del Tênis**: Fundamentos Didácticos y Científicos. Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 1999.

GALLIETE, Rosângela. **Tênis: metodologia do ensino**. Rio de Janeiro, 1996.

GARGANTA, J. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. Lecturas Educación Física y Deportes, Revista Digital, Año 8, n° 45, 2002. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd45/ensino.htm>> Acesso em Maio de 2012

GARGANTA, J. Para uma teoria dos Jogos Desportivos Coletivos. In: **O ensino dos Jogos Desportivos**. 2ª ed. Porto: CEJD; 1997.

GAYA, A. C.; TORRES, L.; BALBINOTTI, C. Iniciação esportiva e a educação física escolar. In: SILVA FM. **Treinamento desportivo**: aplicações e implicações. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, p. 15-25, 2002.

GOULD, D.; PETLICHKOFF, L. Psychological stress and the age-group wrestler. In: BROWN, E. W.; BANTA, C. F. (Ed.) **Competitive sports for children and youth**. Champaign: Human Kinetics Books, p.63-73, 1988.

GRAÇA, A.: O desporto na escola: enquadramento da prática. In. GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2004.

GRECO, J.; BENDA, N.. **Iniciação esportiva universal**: Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. 2ª edição Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GRECO, P.; BENDA, R. **Iniciação esportiva universal**: Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. .1ª edição. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

GUERRA, M. **Recreação e lazer**. Porto Alegre: Sagra–DC Luzzatto, 1996.

HARWOOD, C. Developing youngsters mental skills...without them realising it! **ITF coaching and sport science review authors**, London, v.21, p.6-7. Agosto, 2000

HAYWOOD, K.M.. **Life Span Motor Development**, 4th ed, Human Kinetics, Champaign, 2005.

HUSTLAR, J. "**The USPTR" Manual of Munchkin Tennis**". USPTR: SC, 1989.

ITF. **Mini-tenis**: desarrollo de la base. Madrid: Ed. Gymnos, 1991.

ISHIZAKI, Ricardo. **Aprendizagem do tênis**. 1 ed.; São Paulo: 2006.

KIRMAYR, Carlos A., Manual para treinadores avançados - Nível 4 **Curso de capacitação de professores CBT** – Confederação Brasileira de Tênis -. Depto. de capacitação. Serra Negra: 2004.

KIBLER, W. B. 'Specific problems for the young tennis player', in Handbook of Sports Medicine and Science: **Tennis**', ed P.A.F.H. Renström, 139-146, Blackwall Science, Oxford, 2002

LENDL, I.; MENDOZA, G. Super **Tenis con Ivan Lendl**. Barcelona: Martinez Roca, 1987.

LENDL, I. LTA. **Short Tennis leader's handbook**. LTA: Londres, 1987

MARQUES, A. **O sistema de treino e de competição na preparação de prospectiva de crianças e jovens**. Porto, FCDEF,1998

MEINECKE, B.; SCHOTH, R. **Tenis para ninõs**. Barcelona: Martinaz Roca, 1985.

MESQUITA, I.: Refundar a cooperação escola-clubes no desporto de crianças e jovens. In: GAYA, A.; TANI, G. (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2004.

MILEY, D. Tennis...play and stay ITF **Coaching and Sport Science Review**. 2, 42(15), p. 2-3, August, 2007.

MIRANDA, M.. Algunos problemas que se presentan en la enseñanza del tenis. **ITF Coaching and Sports Science Review**, 23,6-7, 2001.

NASCIMENTO, A. Pedagogia do esporte e o atletismo: consideração acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. **Dissertação de Mestrado**. Campinas: Unicamp; 2005.

NEWMAN, J. Why slower balls and smaller courts for 10 and under players? **ITF Coaching and Sport Science Review**; 51 (18):p. 5 – 6, 2010.

PAOLI, P.B. **Jogos Recreativos Aplicados ao Futebol** – Vídeo-curso. BD Empreendimentos – Canal Quatro – Universidade Federal de Viçosa, 2001.

PANKHURST, A.. Game based coaching. **ITF coaching and sport science review**, 19, 11-13, 1999.

PAULA, Patrícia; BALBINOTTI, C. A. A. Balbinotti, Carlos Adelar Abaide. Iniciação ao tênis na infância: os primeiros contatos com a bola e a raquete. In: Carlos Adelar Abaide Balbinotti (Org.). **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2009 p. 15-28.

RINK, J.; FRENCH, K.; WERNER, P. . Tactical awareness as the focus for ninth grade badminton. **Paper presented at AISEP World Congress**, Atlanta, Georgia, 1991.

ROSE, Jr., D. **Esporte Atividade Física na Infância e na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed; 2002.

SAMULSKI, D. Psicologia do esporte. Barueri: Man GOULD, D.; PETLICHKOFF, L. Psychological stress and the age-group wrestler. In: BROWN, E. W.; BANTA, C. F.

(Ed.) **Competitive sports for children and youth**. Champaign: Human Kinetics Books, 1988. p.63-73 2002

SANTANA, W.. Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade. In: **Simpósio de educação física e desportos do sul do Brasil**, 14., 2002, Ponta Grossa. Anais... Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002. p. 176-180.

SANTOS, Antonio Raimundo. **Metodologia científica**: a construção de conhecimento. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SIEDENTOP, D. **Sport Education**: Quality PE Through Positives Sport Experiences. Ohio: Human Kinetics, 1994.

STURM, K. **Tênis**. Lisboa: Estampa, 1982.

THORPE, R.D. "An understanding approach to the teaching of tennis". **Bulletin of physical Education**.10(1), 12-19, 1983.

THORPE, R.D.. The Psychological factors underpinning the "teaching for understanding games" games movement. In: T.Williams; L.Almond; A.Sparkes, (Eds.), **Sport and Physical Activity**: Moving toward excellence. (pp. 209-218). London:E& FN Spon, 1992.

THORPE, R.D.; BUNKER, D.J.;ALMOND, L. . A change in the focus of teaching games. In:Pieron, M.,&Graham, G.,(Eds.), **Sport Pegagogy**: Olympic Scientific Congress Proceedings.,Vol.6(pp. 163-169).Champaing,Il; Human Kinetics, 1986.

THORPE, R.D.& BUNKER, D.J.. A changing focus in games teaching. In: L.Almond (ed.), **Physical education in schools** (pp.52-80). London: Kogan Page, 1997.

THORPE, R.D.; DENT P.. Developing a more Player Oriented Approach to Coaching Tennis. **ITF Coaches Review**,19,5-7, 1999.

TURNER, A. P. "Touch rugby: A tactical twist". **Teaching Elementary Physical Education**, 12 (1), 12-16, 2001

TURNER, A. P USTA. **USTA SHORT TENNIS**. USTA: PRINCETON, NJ, 1988.

VALENTINI, N.; PIFFERO, C.; BERLEZE, A.; SPESSATO, B.. Considerações sobre o desenvolvimento e a aprendizagem motora em crianças. In: Carlos Adelar Abaide Balbinotti (Org.). **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem**. 1 ed. Porto Alegre, 2009, v. 1, p. 29-45.

VALENTINI, N. C.; RUDISILL, M. E.; GOODWAY, J. D. **Mastery Climate**: Children in Charge of Their own Learning. *Teaching Elementary Physical Education*, Champaign, v. 10, p. 6-10, 1999b.

VALENTINI, N. C.; RUDISILL, M. E.; GOODWAY, J. D.: Incorporating a Mastery Climate into Physical Education: It's Developmentally Appropriate! **Journal Physical Education, Recreation, and dance**, Reston, v. 70, n. 7, p. 28-32, September, 1999a.

VALENTINI, N. C.; TOIGO, A. M.: **Ensinando educação física nas séries iniciais: desafios e estratégias**. Porto Alegre: Salles, 2005.

VAN FRAAYENHOVEN, F. Elements of Player Development for 14 & Under Players. In M. Crespo, M. Reid, D. Miley (Eds). *Proceedings of the ITF Worldwide Coaches Conference*. London, ITF Ltd London, 2001, p. 21-22

VEREIJKEN, B.; WHITING, H. T. A. In Defence of Discovery Learning. *Canadian Journal of Applied Sports Science*, 15, 2, 99-106, 1990.

WERNER, P. Teaching games: A tactical perspective. **Journal of Physical Education Recreation and Dance**, 60(3), 97-101, 1989.







